ISSN 1982-3541
Volume XIX no 3, 92-109

Revista Brasileira
de Terapia Comportamental
e Cognitiva

Intervenções com análises de contingências e tarefas de casa na FAP

FAP homework and contingency analysis interventions

Intervenciones con análisis de contingencias y tareas para la casa en la FAP

Mônica Laís Camoleze✉
Jocelaine Martins da Silveira

Universidade Federal do Paraná

RESUMO

Os efeitos terapêuticos das interpretações funcionais e das tarefas de casa, condensadas na regra 5 da Psicoterapia Analítica Funcional são pouco conhecidos. Objetivou-se investigar relações entre a regra 5 e comportamentos do terapeuta e do cliente. O método consistiu em registrar e categorizar interações terapeuta/cliente. Participaram duas díades terapeuta/cliente. Conduziu-se um delineamento A/A+B/A/A+B para uma das díades e um processo terapêutico com FAP sem introdução de variáveis para a outra. Os dados foram analisados com inspeção visual, com correlação de *Spearman* e com análise de probabilidade transicional. Para ambas as díades, as clientes emitiram análises de contingências mediante procedimento para evocá-las e identificaram tarefas de casa importantes quando as terapeutas evocaram e consequenciaram auto-orientações. A regra 5 não influenciou os comportamentos das clientes de analisar contingências, de fazer auto-orientações e de relatar melhorias extrassessão para a díade 1. Discute-se a influência da modelagem de análises de contingências e das auto-orientações na melhora clínica.

Palavras-chave: análises de contingências; tarefas de casa; psicoterapia analítica funcional.

✉ monicacamoleze@hotmail.com

ABSTRACT

Functional interpretation and homework's therapeutic effects, summarized in Functional Analytic Psychotherapy's rule 5 are little known. The objective was to investigate relations between rule 5 and client-therapist interactions. The method consisted on recording and coding client-therapist interactions. Participants were two client-therapist dyads. An A/A+B/A/A+B design was conducted for one of the dyads, while for the other a regular FAP therapeutic process was recorded and coded. Data was analyzed by means of visual inspection of graphs, of Spearman's correlation and of transitional probabilities analysis. Clients from both dyads emitted analysis of contingencies when evoking procedures were presented. They identified important homework when their therapists evoked and provided consequences to self-orientation. Rule 5 did not influence analysis of contingencies, self-orientation and reports concerning improvements in daily life for dyad 1. The influence of contingency shaping analysis and self-orientation in clinical improvement is discussed.

Keywords: analysis of contingence; homework; functional analytic psychotherapy.

RESUMEN

Las interpretaciones funcionales y las tareas para la casa siguen siendo poco conocidas. Se ha intentado investigar entre la regla 5 y el comportamiento terapeuta y del cliente. El método consistió en registrar y categorizar la interacción entre terapeuta/cliente. Participaron dos díadas terapeutas/cliente. Se condujo un delineamiento A/A+B/A/A+B para una de las díadas, y un proceso terapéutico con FAP sin la introducción de variables para la otra. Los datos fueron analizados con inspección visual, procesados con correlación de Spearman y con análisis de probabilidad transicional. Para las dos díadas las clientes invocaron análisis de contingencias por el procedimiento para su evocación e identificaron tareas para la casa importantes cuando las terapeutas evocaron y consecuenciaron auto-orientaciones. La regla 5 no influyó en el comportamiento del cliente de analizar contingencias, hacer auto-orientaciones, y relatar mejorías fuera de la sesión para la díada 1. Se discute la influencia de modelaje de análisis de contingencias y de auto-orientaciones en la mejoría clínica.

Palabras clave: análisis de contingencias; tareas en casa; psicoterapia analítica funcional.

Os procedimentos terapêuticos aplicados na psicoterapia analítica funcional (FAP) são resumidos em cinco regras, as quais recomendam ao terapeuta intervenções em três tipos de comportamentos clinicamente relevantes (*clinically relevant behaviors* – CRBs). Denomina-se CRB1 o comportamento-problema emitido pelo cliente na sessão, que apresenta similaridade funcional ao que ocorre em sua vida diária. O CRB2 consiste no comportamento-alvo ou de melhora dentro da sessão, e o CRB3 consiste em interpretações funcionais, ou análises de contingências, feitas pelo

cliente na sessão (Tsai, Fleming, Cruz, Hitch, & Kohlenberg, 2015).

A primeira das cinco regras da técnica da FAP sugere que o terapeuta observe a ocorrência de CRB1. A regra 2 recomenda que o terapeuta evoque CRB2. A regra 3 recomenda o reforço natural do CRB2. A regra 4 recomenda a avaliação dos efeitos da regra 3, para identificar se foram reforçadores ou punitivos. Por fim, a regra 5 sugere que o terapeuta interprete funcionalmente o comportamento do cliente e promova a generalização dos comportamentos de melhora (Tsai et al., 2015; Tsai, McKelvie, Kohlenberg, & Kanter, 2014).

Dados recentes adicionam força à noção de que o procedimento prescrito pela regra 3 – o reforço dos comportamentos de melhora – seja importante na promoção de progressos dentro e fora das sessões (Haworth, Kanter, Kuczynski, Rae, & Kohlenberg, 2015; Lizarazo, Muñoz-Martinez, Santos, & Kanter, 2015; Villas-Bôas, 2015). Quanto ao efeito relativo da regra 5 nos progressos em terapia, os dados ainda são obscuros. Por exemplo, em um estudo com duas díades terapeuta/cliente, observou-se que as melhoras em sessão e na vida cotidiana das clientes ocorreram independentemente dos procedimentos da regra 5 (Villas-Bôas, 2015). Esses dados deixam questões quanto à possibilidade de isolar o componente *interpretações funcionais* recomendado pela regra 5, o qual pode ter permeado e ter estado presente nos componentes das outras regras.

Com relação à parte da quinta regra ligada às estratégias de generalização, particularmente à proposta de tarefa de casa, um estudo realizado com uma díade terapeuta/cliente sugeriu sua influência nos relatos feitos pelo cliente quanto à sua vida diária (Martim, 2016). Além disso, os dados sugeriram que a proposta da tarefa de casa influenciou melhoras observadas nas sessões subsequentes para o cliente participante do estudo (Martim, 2016).

Contudo os dados sobre a influência dos procedimentos ligados à regra 5 são preambulares. Os estudos citados indicaram que a melhora clínica pode ocorrer independentemente dela (Villas-Bôas, 2015) e que uma parte da regra – a proposta da tarefa de casa – pode influenciar as descrições feitas pelo cliente (Martim, 2016). Permanecem pouco compreendidas as relações entre o componente da regra 5 *interpretações funcionais* e os comportamentos do cliente de analisar contingências e de fazer auto-orientações sobre suas tarefas de casa.

Presumiu-se que a modelagem de análises de contingências no comportamento do cliente tenderia a facilitar as auto-orientações sobre os comportamentos a serem emitidos na vida diária, além de que os comportamentos-alvo reforçados naturalmente fora da sessão tenderiam a se tornar mais prováveis. Portanto foi objetivo do estudo examinar de modo específico i) as relações entre verbalizações do terapeuta e análises de contingências feitas pelo cliente (CRB3); ii) comportamentos do terapeuta que influenciam a ocorrência de auto-orientações (AO) do cliente; bem como iii) as relações entre a regra 5 e relatos de comportamentos de melhora na vida diária (O2).

MÉTODO

Participantes

Participaram como terapeutas duas alunas do último ano do curso de Psicologia de uma universidade pública que haviam cursado disciplinas que as prepararam em aspectos teóricos da Psicoterapia

Analítica Funcional (FAP). Além disso, as participantes haviam realizado estágio em psicologia clínica, conduzindo um ou mais tratamentos com a FAP. As terapeutas não foram cegas quanto às variáveis dependentes, independentes e nem quanto às condições do delineamento da pesquisa, uma vez que elas foram instruídas a usar procedimentos distintos a depender da condição. Duas clientes participaram da pesquisa. Ambas passaram por triagem para avaliar se teriam indicação para tratamento com a FAP.

Os critérios de inclusão para as clientes participantes consideraram pessoas acima de 18 anos de idade, com queixas referentes a problemas em relacionamentos interpessoais. Os critérios de exclusão foram queixas relacionadas à dependência química, problemas psiquiátricos severos e faixa etária abaixo de 18 anos.

A Cliente 1 foi uma mulher de 30 anos de idade com dificuldade em relações interpessoais, as quais ela descreveu como timidez. A Cliente 2 foi uma mulher de 45 anos de idade com dificuldades de relações interpessoais, descritas por ela como problemas nas relações com colegas do trabalho e com o marido.

Colaboradores

As terapeutas do estudo também foram categorizadoras, mas não categorizaram as sessões das próprias clientes. Uma categorizou as sessões da outra para evitar tendenciosidade na categorização. Ambas passaram por treino de categorização de acordo com o sistema *Functional Analytic Psychotherapy Rating Scale* (FAPRS) (Callaghan & Follete, 2008), sendo que uma delas já havia tido experiência de categorização em outro estudo de acordo com o mesmo sistema.

Também colaboraram com o estudo duas transcritoras, graduadas em Psicologia e especialistas em terapia analítico-comportamental, e uma supervisora para os atendimentos clínicos. A supervisora não foi cega quanto às variáveis e às condições do estudo para que pudesse orientar as terapeutas de acordo com as condições planejadas para a pesquisa.

Local

Os atendimentos foram realizados na clínica-escola do centro de Psicologia de uma universidade pública.

Materiais e instrumentos

1. Aplicativo de gravador de áudio para celular; notebook; programa de estatística R Studio; 12 sessões de cada cliente gravadas em áudio, totalizando 24 sessões.
2. *Functional Analytic Psychotherapy Rating Scale* (FAPRS) (Callaghan & Follete, 2008).
3. Lista de códigos acrescentados à FAPRS, conforme a Tabela 1, para categorizar os comportamentos do terapeuta e do cliente de interesse para a pesquisa.
4. Instruções para a terapeuta sobre como manejar as sessões com introdução da regra 5, quanto à manipulação de procedimentos com *análises de contingências*.
5. Instruções para o terapeuta sobre como manejar as sessões na condição com a regra 5, quanto à manipulação de procedimentos relacionados a *tarefas de casa*.

Tabela 1

Códigos acrescentados à FAPRS, para categorizar os comportamentos do terapeuta e do cliente de interesse para a pesquisa

Sigla do Código	Código	Descrição do Código
AO	Auto-orientação	Quando o cliente descreve comportamentos de melhora que ele pode emitir em sua vida diária.
TTC	Terapeuta prescreve tarefa de casa	Terapeuta orienta o cliente sobre comportamentos de melhora que ele pode emitir em sua vida diária.
EAO	Terapeuta evoca auto-orientação	Terapeuta evoca auto-orientação do cliente sobre comportamentos de melhora que ele pode emitir em sua vida diária.
TAO	Terapeuta responde efetivamente à auto-orientação	Terapeuta responde à auto-orientação do cliente, reforçando a tentativa do cliente de encontrar comportamentos alternativos que podem ser emitidos na vida diária.
TAC	Terapeuta emite análise de contingência	Terapeuta emite análise de contingência pronta ao cliente; fornece a interpretação funcional ao cliente.
ERB1	Terapeuta evoca CRB1	Terapeuta evoca comportamento-problema em sessão.
ERB2	Terapeuta evoca CRB2	Terapeuta evoca comportamento-alvo em sessão.
ERB3	Terapeuta evoca CRB3	Terapeuta evoca do cliente uma descrição funcional sobre variáveis controladoras do seu comportamento.

Procedimento

Treino de categorizadores

O treino das categorizadoras teve duas etapas. Na primeira, foi realizado um estudo da FAPRS e uma categorização dos comportamentos clinicamente relevantes (CRBs). Na segunda etapa do treino das categorizadoras, a pesquisadora deu instruções quanto aos códigos da FAPRS a serem usados na pesquisa e quanto aos códigos que foram elaborados para a pesquisa para identificar comportamentos do cliente e do terapeuta relacionados à regra 5 da FAP.

Coeficiente *Kappa*

Foram realizadas três aferições do coeficiente *Kappa* entre observações das duas categorizadoras, com trechos de 20 minutos de sessões diferentes, referentes ao caso clínico das clientes 1 e 2. Após a primeira e a segunda aferições com *Kappa* inferior a 0,70, a pesquisadora discutiu com as categorizadoras os códigos usados nos trechos dos dois casos para solucionar discordâncias. Na terceira tentativa, obteve-se coeficiente *Kappa* de 0,84 (concordância perfeita) para a categorização da sessão da Cliente 1 e 0,73 (concordância substancial) para a categorização da sessão da Cliente 2.

Delineamento do estudo para a díade terapeuta/cliente 1

Para a díade 1, planejou-se um delineamento experimental de caso único com reversão

(A/A+B/A/A+B). A variável independente do estudo foi a regra 5 da FAP, ou seja, a introdução de intervenções com análises de contingências e de tarefas de casa nas condições (A+B) e sua remoção nas condições A. A variável dependente foi o relato em sessão de comportamentos-alvo ocorridos na vida diária, o qual é representado pela sigla O2.

Condição A: cada condição A teve três sessões. Na primeira condição A, obteve-se informações sobre a queixa da cliente a fim de realizar a conceituação do caso de acordo com a FAP. Como a terapeuta tinha informações do caso e havia elaborado hipóteses de relações funcionais com base na entrevista de triagem, já na primeira condição A, havia hipóteses de CRBs a serem observadas e, eventualmente, reforçadas. Tanto na primeira como na segunda condição A, as terapeutas poderiam intervir com as regras de 1 a 4 da FAP, devendo evitar as intervenções com análises de contingências e tarefas de casa que caracterizam a regra 5.

Condição A+B: foram realizadas três sessões em cada condição A+B, em que a terapeuta foi instruída a intervir fazendo uso das cinco regras da FAP. Portanto esperou-se que, nessas sessões, as análises de contingências e as tarefas de casa fossem manipuladas. As análises de contingências poderiam ser relacionadas a comportamentos problemáticos ou de melhora ocorridos em sessão ou na vida diária. As tarefas de casa deveriam estar relacionadas ao comportamento de melhora ocorrido dentro da sessão (CRB2), permitindo que a aprendizagem em sessão fosse testada e praticada na vida diária da cliente.

Delineamento do estudo para a díade terapeuta/cliente 2

O processo de terapia para a díade 2 foi preservado sem introdução e remoção de variáveis. Foram realizadas 12 sessões de psicoterapia, mantendo a integridade das cinco regras da FAP em todas as sessões.

A terapeuta dispunha de informações do caso com base na triagem e, novamente para a díade 2, desde as primeiras sessões, havia hipóteses de CRBs a serem observadas e reforçadas. A conceituação de caso de acordo com a FAP foi elaborada nas primeiras quatro sessões por meio de observações das interações terapeuta/cliente. Nela, foram consideradas análises de contingências e paralelos funcionais de comportamento do cliente dentro e fora da sessão. Desde a primeira sessão, a terapeuta foi instruída a utilizar as cinco regras da FAP de acordo com as instruções para a terapeuta sobre como manejar os procedimentos de "análises de contingências" e solicitação de tarefas.

Análise dos dados

Os dados foram analisados com uso de inspeção visual de gráficos para avaliar o desempenho de códigos representativos de interações envolvendo os dois componentes da regra 5, a saber: *as análises de contingências* e as *propostas de tarefas de casa*. Assim, os códigos CRB3, ERB3, TRB3 e TAC (Tabela 1) indicaram interações com *análises de contingências*. Já os códigos AO, TTC, EAO e TAO (Tabela 1) indicaram interações envolvendo a *tarefas de casa*. Os códigos CRB2 e TRB2, O2, AO e TRB3 foram assumidos como indicadores de interações relacionadas às melhoras clínicas (CRB2, TRB2, O2) e às auto-orientações para a tarefa de casa (AO). Assumiu-se ainda que as consequências dadas pelas terapeutas às análises feitas pelas clientes quanto aos próprios comportamentos (TRB3) indicariam a modelagem de análises de

contingências no repertório das clientes. Com a inspeção visual de gráficos, os referidos códigos da FAPRS foram examinados sessão a sessão – tanto para a díade 1, comparando as condições do experimento A e A+B, quanto para a díade 2 – ao longo do tratamento.

Os dados também foram analisados por meio da correlação de *Spearman* e da probabilidade transicional. A análise de correlação de *Spearman* foi conduzida para ambas as díades, visando a verificar correlações entre os códigos das terapeutas e das clientes. As variáveis cujo cálculo apresentou resultado próximo ou igual a 1 sugerem correlações mais prováveis. A análise de probabilidade transicional também foi calculada para ambas as díades, avaliando algumas transições, conforme a Tabela 2:

Tabela 2
Transições calculadas pela análise de probabilidade transicional

Cliente → Terapeuta	Terapeuta → Cliente
CRB3 → TRB3	ERB3 → CRB3
O2 → RO2	TRB3 → AO
AO → TAO	EAO → AO

Nota. CRB3 = cliente emite interpretação funcional; ERB3 = terapeuta evoca CRB3; TRB3 = terapeuta consequencia CRB3; O2 = cliente relata em sessão comportamentos-alvo emitidos na vida diária; RO2 = terapeuta consequencia O2; AO = cliente emite auto-orientação; EAO = terapeuta evoca auto-orientação; TAO = terapeuta consequencia auto-orientação.

RESULTADOS

Os dois componentes da regra 5, *as análises de contingências* e as *propostas de tarefas de casa*, são expostos nesta seção, assumindo que os códigos CRB3, ERB3, TRB3 e TAC representam interações em que *análises de contingências* estariam ocorrendo. Portanto, respectivamente, o comportamento clinicamente relevante 3 das clientes, assim como sua evocação, sua consequenciação e as análises de contingências emitidas pelas terapeutas estariam ocorrendo. Já os códigos AO, TTC, EAO e TAO foram assumidos como representativos de interações envolvendo as *tarefas de casa*. Portanto, nessas interações, respectivamente, a auto-orientação para a tarefa, feita pelas próprias clientes, a prescrição de tarefas de casa feitas pelas terapeutas, além de sua evocação e sua consequenciação estariam ocorrendo.

Adicionalmente, presumiu-se que os códigos CRB2 e TRB2, O2, AO e TRB3 indicariam interações relacionadas às melhoras clínicas (CRB2, TRB2, O2) e às auto-orientações para a tarefa de casa (AO). Além disso, presumiu-se que as consequências dadas pelas terapeutas às análises feitas pelas clientes quanto aos próprios comportamentos (TRB3) indicariam a modelagem de análises de contingências no repertório das clientes.

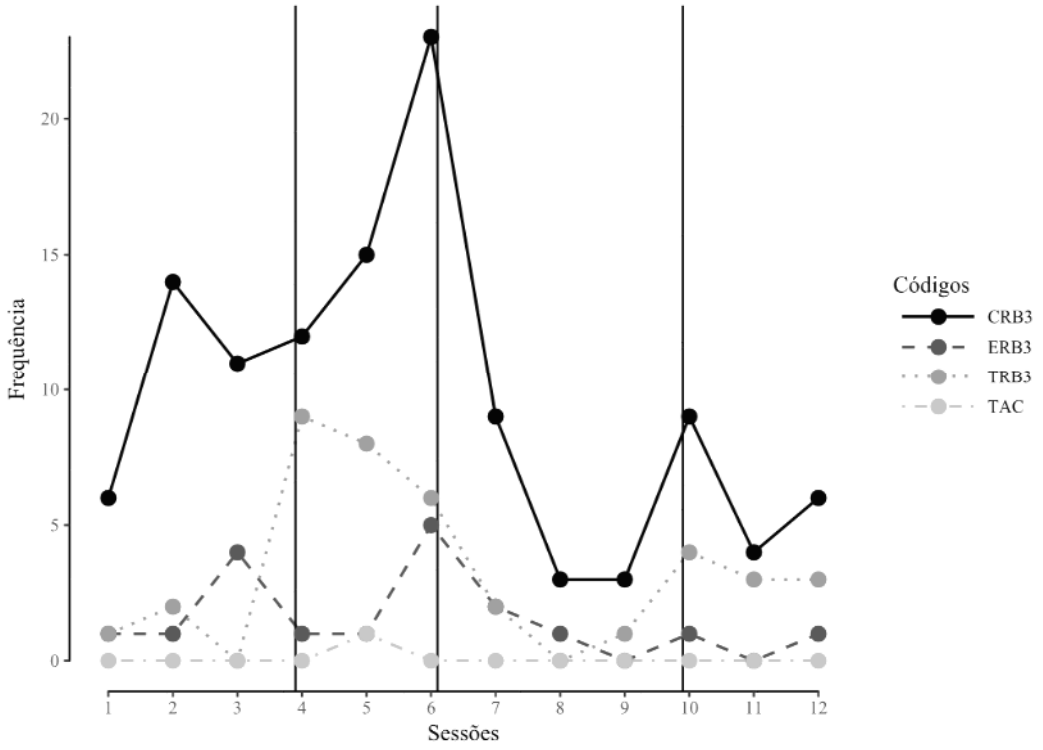

Figura 1. Frequência dos códigos referentes à variável a*nálises de contingências* da regra 5 para a díade 1.

A Figura 1 indica a ocorrência de verbalizações da terapeuta da díade 1, codificadas como *análises de contingências*, TAC. Elas ocorreram uma única vez durante as 12 sessões (sessão 5). A Figura 1 apresenta também as frequências de CRB3, ERB3, TRB3 ao longo das 12 sessões para a díade 1.

As evocações e consequenciações de CRB3 (ERB3 e TRB3), conforme Figura 1, variaram consistentemente com a introdução da regra 5 nas condições A+B. O TRB3 ocorreu em maior frequência, 39 vezes, em relação ao ERB3, o qual teve 18 ocorrências ao logo das sessões. TRB3 e CRB aumentaram em frequência na primeira condição A+B (23 e 50 ocorrências, respectivamente) em relação à condição A (3 e 31 ocorrências, respectivamente). Os códigos TRB3 e CRB3 apresentaram reversão na segunda condição A (3 e 15 ocorrências). Na segunda condição A+B, o TRB3 e CRB3 ocorreram 10 e 19 vezes, respectivamente.

Somando-se a frequência daqueles códigos nas duas condições A+B e nas duas condições A, verifica-se que o TRB3 ocorreu 33 vezes nas condições A+B, enquanto ocorreu 5 vezes nas condições A. Já o CRB3 ocorreu 69 vezes nas condições A+B, ao passo que ocorreu 46 nas condições A somadas. Portanto houve mais CRB3 durante a introdução da regra 5, a qual contém o componente *análises de contingências*. Entretanto já havia uma tendência de TRB3, isto é, de consequenciação para o CRB3, observada na sessão 3, antes da introdução da regra 5, e o CRB3 apresentava desempenho instável.

A Figura 2 apresenta a frequência dos códigos da terapeuta e da cliente referentes ao componente *tarefas de casa* da regra 5. Nenhum desses códigos ocorreu nas condições A, isto é, nas condições sem a regra 5. Na primeira condição A+B, os códigos TAO, EAO, TCC e AO apresentaram expressiva tendência ascendente, havendo reversão na condição sem a regra 5. Uma única vez, a resposta

contingente da terapeuta às auto-orientações da cliente (TAO) ocorreu durante a replicação da condição A+B, ou seja, durante a condição em que a regra 5 foi reintroduzida.

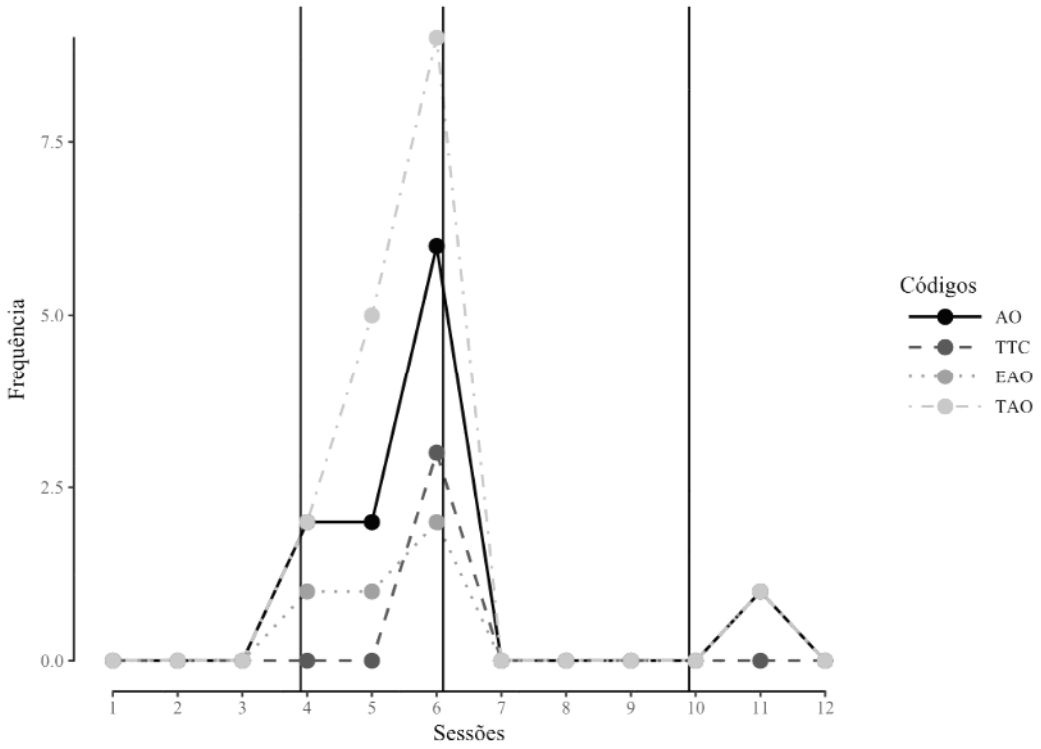

Figura 2. Frequência dos códigos referentes à variável *tarefas de casa* da regra 5 para a díade 1.

A frequência de AO foi nula nas duas condições A, foi de 10 ocorrências na primeira condição A+B, e foi de uma ocorrência na segunda condição A+B. A frequência de TAO nas duas condições A também foi nula, 16 ocorrências na primeira condição A+B, e 1 ocorrência na segunda.

Portanto os códigos referentes ao componente *tarefas de casa*, a exemplo do que se pode observar nos códigos referentes ao componente *análises de contingências,* suas frequências são menores na segunda condição A+B. Assim, em relação aos dois componentes da regra 5 da FAP – *análises de contingências* e *tarefas de casa* – observou-se um aumento na frequência de alguns códigos na primeira condição (A+B) com reversão na segunda condição (A), sem, entretanto, apresentar reversão na replicação da condição A+B.

Quanto aos resultados referentes às melhoras clínicas possivelmente ligadas à modelagem de análises de contingências e às auto-orientações para a tarefas, a Figura 3 indica a frequência de CRB2 e TRB2, O2, AO e TRB3 ao longo das sessões para a díade 1. Esperou-se um aumento de O2 nas sessões subsequentes às sessões com tarefas de casa – indicadas pelas colunas destacadas na Figura 3. Os relatos de melhora na vida cotidiana (O2) não pareceram estar relacionados à proposta das tarefas de casa para a cliente da díade 1. Por outro lado, aparentemente, o CRB2 e sua consequenciação (TRB2) pareceram ser influenciados pela proposta

da tarefa de casa para a cliente do estudo. O CRB2 e o TRB2 já apresentavam, entretanto, uma tendência de aumento na sessão em que a tarefa de casa fora proposta durante a segunda condição A+B.

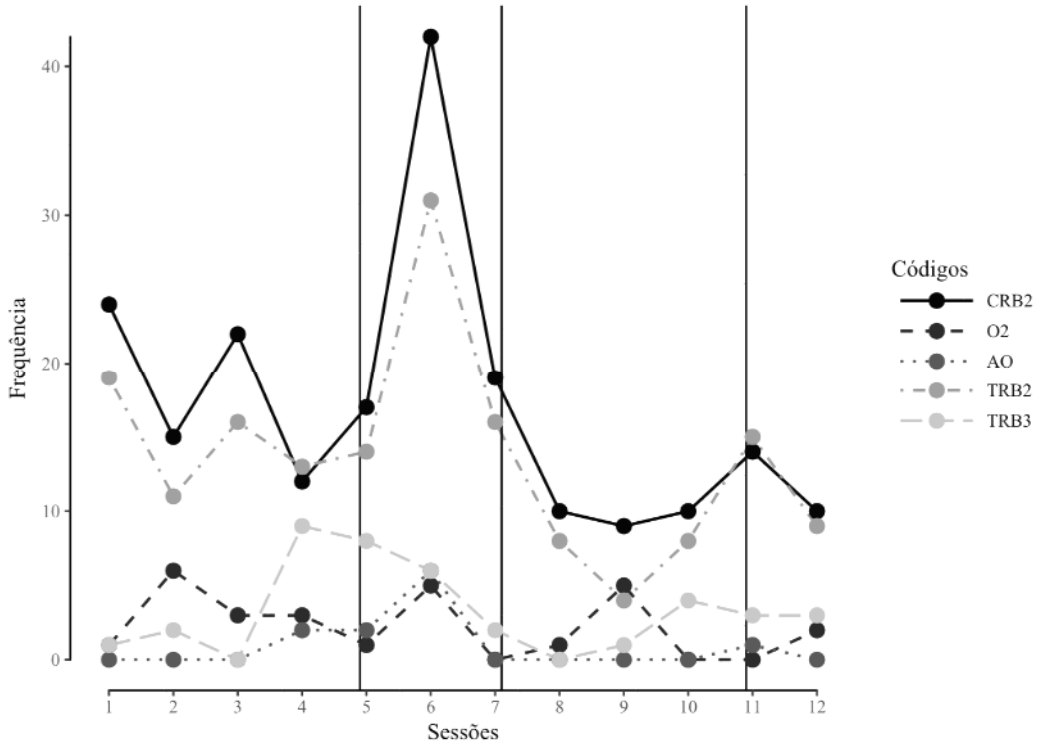

Figura 3. Frequência de O2, CRB2, AO, TRB2 e TRB3 nas sessões antes e após a proposta de tarefas de casa.

Passando, neste momento, aos resultados referentes à díade 2, a Figura 4 apresenta a frequência dos códigos indicativos do componente *análises de contingências* da regra 5. A Figura 4 apresenta a frequência dos códigos da terapeuta e da cliente por sessão. O TRB3 e o CRB3 apresentam desempenho semelhante. Nota-se que o CRB3 e o TRB3 apresentaram um aumento constante nas frequências a partir das sessões 9 e 10. Quanto às evocações de análise funcionais do próprio comportamento (ERB3), pareceu haver consistência nos desempenhos com o CRB3. Do mesmo modo, o TRB3 acompanhou a tendência do CRB3 ao longo das 12 sessões sem introdução ou remoção da regra 5.

A frequência de cada código foi somada nas seis primeiras sessões e seis últimas sessões, conforme a Tabela 3. O CRB3, o ERB3 e o TRB3 foram mais frequentes nas últimas seis sessões, enquanto o TAC foi menos frequente nessas últimas seis sessões. Portanto o CRB3 aumentou em frequência no período em que a terapeuta da díade 2 emitiu mais respostas de modelagem de análises de contingências no repertório verbal do cliente (TRB3).

Quanto aos códigos referentes ao componente *tarefas de* casa da regra 5 para a díade 2, a Figura 5 indica que as auto-orientações (AO), assim como suas evocações e consequenciações, apresentaram considerável instabilidade ao longo das 12 sessões. De todo modo, a evocação de auto-orientações (EAO) apresentou tendências consistentes com as auto-orientações (AO).

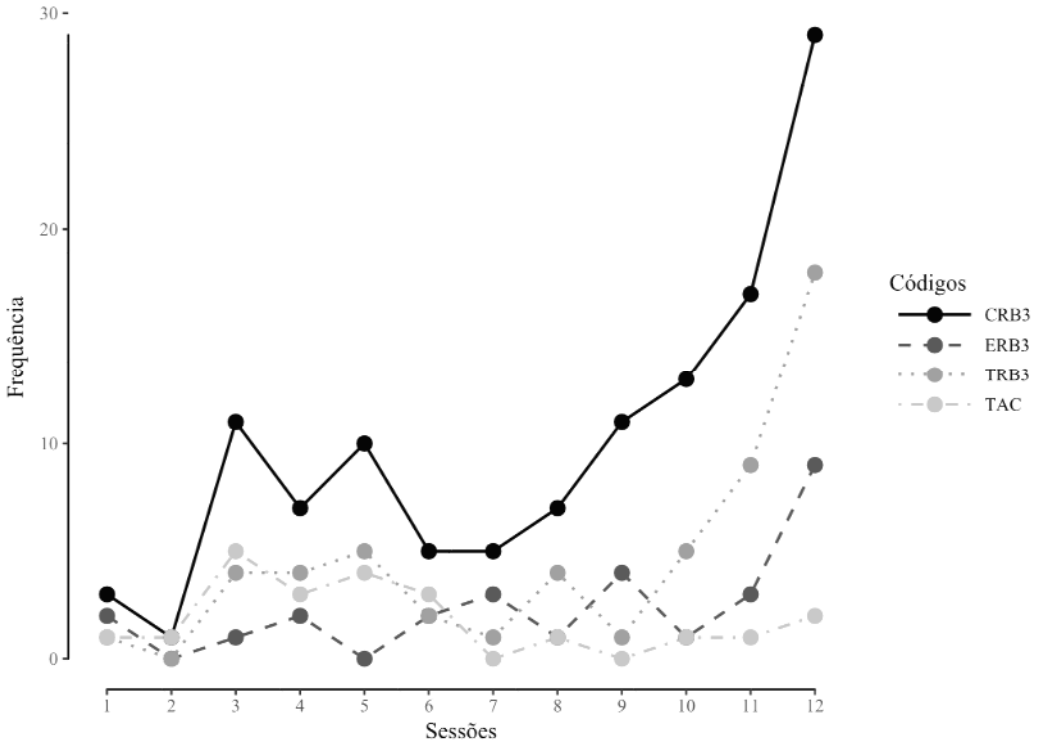

Figura 4. Frequência dos códigos referentes à variável *análises de contingências* da regra 5 para a díade 2.

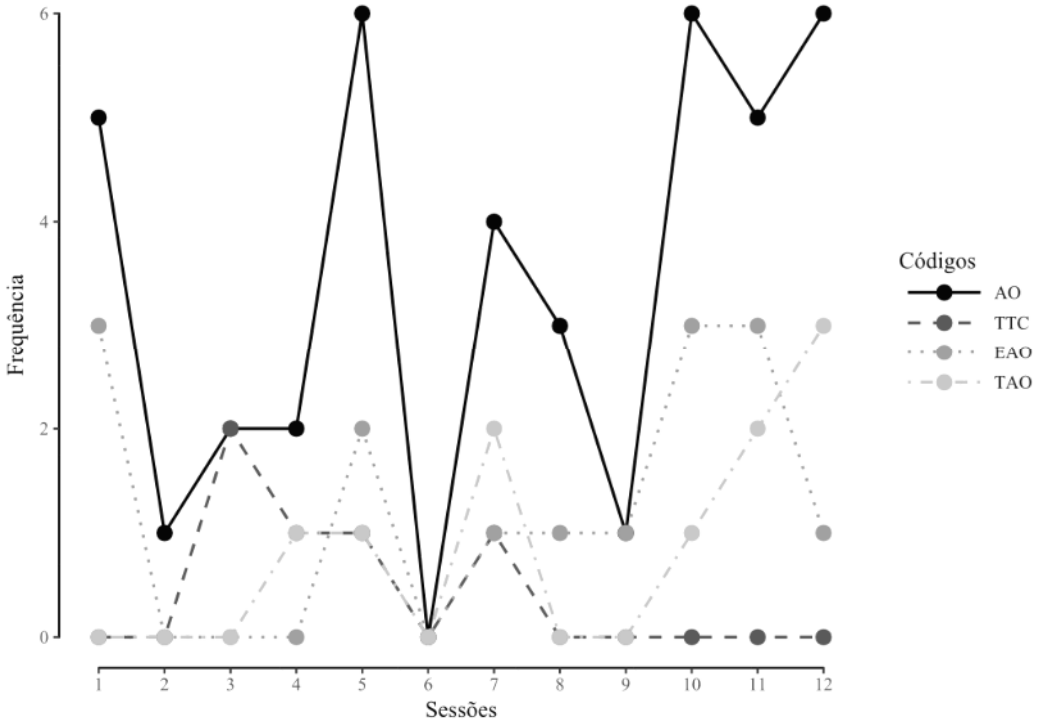

Figura 5. Frequência dos códigos referentes à variável *tarefas de casa* da regra 5 para a díade 2.

Tabela 3

Soma dos códigos da Cliente 2 e sua terapeuta nas seis primeiras e seis últimas sessões

Código	Sessões 1 a 6	Sessões 7 a 12
CRB3	37	82
ERB3	7	21
TRB3	16	38
TAC	17	5

Tabela 4

Relações entre CRB3 e ERB3 e entre CRB3 e TRB3 para ambas as díades

Cliente	Códigos	Correlação de *Spearman*	Probabilidade Transicional
Cliente 1	ERB3 – CRB3	Correlação forte	Alta
Cliente 2	ERB3 – CRB3	Correlação fraca	Alta
Cliente 1	CRB3 – TRB3	Correlação média	Baixa
Cliente 2	CRB3 – TRB3	Correlação forte	Baixa

A correlação dos códigos ERB3 e TRB3 com o CRB3 foi calculada para as díades 1 e 2, conforme a Tabela 4.

Apesar de a frequência de TRB3 ter sido alta para ambas as clientes, verificou-se que correlações fortes foram encontradas entre ERB3 e CRB3 para a Cliente 1, e CRB3 e TRB3 para a Cliente 2. Então os códigos ERB3 e TRB3 foram selecionados para a análise de probabilidade transicional. Os resultados indicaram alta probabilidade de transição entre ERB3 e CRB3 nos casos das duas clientes, e baixa probabilidade de transição entre CRB3 e TRB3 nos casos de ambas as clientes.

A análise de correlação de *Spearman* corroborou a mesma relação entre os códigos, indicando que TTC e AO apresentaram correlação fraca, enquanto EAO-AO e AO-TAO apresentaram correlação forte, conforme indica a Tabela 5. Esta indica ainda a análise de probabilidade transicional dos códigos EAO e AO, assim como do AO e do TAO. Observou-se alta probabilidade de transição entre EAO e AO para as duas clientes e alta probabilidade de transição entre AO e TAO apenas para a Cliente 1. Quanto à correlação entre CRB3 e TRB3, indicativa de modelagem de CRB3, observou-se alta correlação entre TRB3 e AO para ambas as clientes (Cliente 1: 0.76; Cliente 2: 0.68). Entretanto houve baixa probabilidade de transição desses códigos nos dois casos.

DISCUSSÃO

Procedimentos do terapeuta em relação ao CRB3 na FAP

O primeiro objetivo do estudo foi identificar relações entre comportamentos das terapeuta e verbalizações de análises de contingências emitidas pelas clientes (CRB3) nas duas díades do estudo. Os comportamentos de um terapeuta presumivelmente relacionados ao CRB3 referem-se a análises de

contingências dos comportamentos do cliente. O terapeuta pode analisá-las de, pelo menos, duas formas. Uma forma consiste em fornecer as análises prontas ao cliente (TAC), e a outra consiste em modelar as análises de contingências no repertório verbal do cliente (ERB3 e TRB3).

Tabela 5

Correlação e probabilidade transicional para os códigos EAO, AO, TAO e TRB3 para ambas as díades

Cliente	Códigos	Correlação de *Spearman*	Probabilidade Transicional
Cliente 1	EAO – AO	Correlação forte	Alta
Cliente 2	EAO – AO	Correlação forte	Alta
Cliente 1	AO – TAO	Correlação forte	Alta
Cliente 2	AO – TAO	Correlação forte	Baixa
Cliente 1	TRB3 – AO	Correlação forte	Baixa
Cliente 2	TRB3 – AO	Correlação forte	Baixa

Os dados da díade 1 sugerem correlação forte e probabilidade alta de transição entre a evocação de análises de contingências por parte do terapeuta (ERB3) e respostas de analisar contingências emitidas pelo cliente (CRB3) e correlação média e baixa probabilidade de transição entre análises de contingências por parte do cliente (CRB3) e o reforço contingente feito pelo terapeuta (TRB3). Os dados referentes à díade 2 indicaram correlação fraca e probabilidade alta de transição entre o terapeuta evocar análises (ERB3) de contingências e a resposta do cliente de analisar contingências (CRB3) e correlação forte com probabilidade baixa de transição entre a resposta do cliente de analisar contingências (CRB3) e o reforço contingente do terapeuta (TRB3).

Desse modo, os resultados sugerem que as terapeutas do estudo ensinaram suas clientes a analisar o próprio comportamento: i) facilitando descrições funcionais por meio de perguntas que levam o cliente a relacionar funcionalmente o seu comportamento com eventos antecedentes e consequentes (ERB3); ii) consequenciando as instâncias de CRB3 por meio de perguntas que tornam a descrição funcional mais acurada (TRB3); bem como iii) reforçando os CRB3 que descrevem acuradamente as variáveis controladoras dos comportamentos (TRB3).

Pode-se interpretar que, ainda que o cliente emita análises de contingências incompletas, estabelecendo relações entre pelos menos dois termos da contingência, como o antecedente e a resposta ou como a resposta e a consequência, há vantagens em evocá-las e reforçá-las. Idealmente, a especificação de todos os termos da contingência parece desejável para promover a generalização, uma vez que, ao especificar condições antecedentes ao responder, a generalização para a vida diária torna-se mais provável. Ao especificar as condições consequentes, os prováveis reforçadores das melhoras no contexto de vida diária tornam-se conhecidos (Villas-Bôas, Meyer, Kanter, & Callaghan, 2015).

Os procedimentos de evocação e reforço de CRB2, seguidos do estabelecimento de paralelos funcionais

entre contingências da sessão e da vida cotidiana são considerados facilitadores da generalização (Villas-Bôas et al., 2015). Assim, a modelagem de CRB3 também pode ser aplicada aos paralelos funcionais, na medida em que o terapeuta pergunta ao cliente em quais condições antecedentes e consequentes, funcionalmente semelhantes às condições da sessão, o comportamento ocorre na vida diária (Abreu, Hübner, & Lucchese, 2012; Kohlenberg & Tsai, 2006; Tsai, Kohlenberg, Kanter, Holman, & Loudon, 2012; Villas-Bôas et al., 2015).

Portanto parece que, ao evocar CRB3, o terapeuta facilita a generalização i) ensinando o cliente a formular regras acuradas para a vida diária e ii) sensibilizando para semelhanças funcionais entre contextos (Abreu et al., 2012; Ferro-García, 2016; Kohlenberg & Tsai, 2006; Tsai et al., 2012; Villas-Bôas et al., 2015).

Procedimentos do terapeuta em relação às tarefas de casa na FAP

O segundo objetivo do presente estudo consistiu em identificar comportamentos das terapeutas que facilitam a auto-orientação (AO) das clientes sobre as tarefas de casa e de tais auto-orientações com o seu cumprimento na vida diária. Trata-se do componente *tarefas de casa* da regra 5 da FAP. Nesse procedimento, um terapeuta pode prescrever diretamente comportamentos alternativos a serem emitidos pelo cliente no contexto fora da sessão (TTC), pode ajudá-lo a identificar comportamentos relevantes de serem experimentados e praticados no dia a dia (EAO) e pode consequenciar a auto-orientação discutindo melhoras na tarefa de casa (TAO).

Os dados referentes à díade 1 indicam que houve correlação forte e probabilidade alta de transição entre a evocação de auto-orientação (EAO) e a resposta de auto-orientação do cliente (AO), assim como entre a resposta de auto-orientação do cliente (AO) e o reforço contingente do terapeuta (TAO). Indicam, também, correlação forte com probabilidade baixa de transição entre o reforço contingente feito pelo terapeuta de análises de contingências (TRB3) e a resposta de auto-orientação do cliente (AO).

Os dados referentes à díade 2 indicam que houve correlação forte com probabilidade alta de transição entre a evocação de auto-orientação (EAO) e a resposta de auto-orientação do cliente (AO) e correlação forte com probabilidade baixa de transição entre a resposta de auto-orientação (AO) do cliente e o reforço contingente do terapeuta (TAO). Indicam, ainda, correlação forte com probabilidade baixa de transição entre o reforço contingente de análises de contingências emitido pelo terapeuta (TRB3) e a reposta de auto-orientação do cliente (AO).

Assim, presume-se que as terapeutas, em relação ao componente *tarefas de casa* na FAP, evocaram e responderam contingentemente às auto-orientações das clientes sobre comportamentos relevantes de serem emitidos fora da sessão. Desse modo, um terapeuta teria condição de ajudar o cliente a identificar o comportamento mais interessante para praticar durante a semana, entre uma sessão e outra (Ledley & Huppert, 2007; Nelson, Castonguai, & Barwik, 2007). Cabe ao terapeuta emitir perguntas que levem o cliente a identificar uma tarefa de casa cujo cumprimento seja viável (EAO). Para tanto, levam-se em consideração os progressos observados no comportamento do cliente dentro da sessão (Ledley & Huppert, 2007).

O cliente pode propor tarefas para si mesmo (AO) envolvendo comportamentos públicos ou privados, como simplesmente observar ou pensar sobre algo com relação ao que foi trabalhado em sessão. Nesse ponto, o terapeuta pode avaliar se a proposta do

cliente corresponde ao que foi reforçado na sessão de terapia e se o cliente está em condições de cumprir a tarefa. Após essa avaliação, o terapeuta consequencia a auto-orientação (TAO). Ele pode concordar com a tarefa de casa escolhida ou pode aperfeiçoá-la por meio de sugestões ou perguntas que busquem adequar a escolha ao que ocorreu em sessão. O terapeuta pode graduar a escolha em tarefas menores, para que o cliente tenha condições de executá-la com sucesso, e também pode ensinar análises funcionais que levem a escolhas de comportamentos com probabilidade alta de reforço natural em contextos variados (Harwood, Sulzner, & Beutler, 2007; Martim, 2016).

Em suma, parece que, ao modelar AO, o terapeuta: i) melhora a capacidade de o cliente identificar comportamentos relevantes de serem emitidos na vida diária; ii) auxilia o cliente a graduar as respostas, partindo das mais simples às mais complexas; iii) ensina o cliente a avaliar em quais contextos tais comportamentos tem maior probabilidade de reforço; iv) com isso, aumenta a probabilidade de que esses comportamentos sejam reforçados; v) e, ao serem reforçados no contexto de vida diária, há mais chance de que aprendizagens ocorridas na sessão se mantenham na vida cotidiana.

Procedimentos da Regra 5 e comportamentos-alvo em sessão

O terceiro objetivo do presente estudo foi avaliar a influência da regra 5 da FAP nos relatos em sessão de comportamentos-alvo ocorridos na vida diária (Os2) por parte das duas clientes participantes. Considerando a díade 1, em que houve manipulação de condições com e sem a regra 5, não foi observada sua influência nos Os2. Também não foram observadas relações do CRB2, CRB3 e O2 com a regra 5.

O CRB2 apresentou relação com o TRB2, mas não pareceu ser influenciado pela regra 5. Estudos anteriores já indicaram que o responder contingente do terapeuta aos comportamentos-alvo em sessão constitui-se no mecanismo principal de mudanças no comportamento do cliente, e aparentemente elas não dependem da regra 5 (Haworth et al., 2015; Lizarazo et al., 2015; Villas-Bôas, 2015).

O CRB3 também não pareceu ter sido influenciado pela regra 5. Ele apresentou forte correlação com o CRB2 no caso da díade 1, mas não na díade 2. De todo modo, estudos futuros podem investigar o modo como as mudanças são acumuladas ao longo das sessões. No caso da díade 1, o CRB3 apresentou frequência indistinta entre as condições com e sem a regra 5.

Uma possível explicação para esse resultado, é que o CRB3 e o CRB2 podem fazer parte da mesma classe de respostas. Skinner (1979/2003) afirmou que "é o operante como classe de comportamento e não a resposta como caso particular, o que é condicionado" (p. 97). Assim, quando o cliente emite um comportamento-alvo em sessão, por ser a terapia um contexto que envolve comportamento verbal, há uma probabilidade alta de que ele também emita descrições funcionais de variáveis controladoras do comportamento, caracterizando a ocorrência de um CRB2 e CRB3 concomitantemente. Isso indica a possibilidade – a ser investigada por estudos futuros – de que o CRB3 seja modelado por meio dos componentes da regra 3, e não apenas da regra 5.

Além disso, embora a análise de probabilidade de transição não tenha mostrado relação entre CRB3 e TRB3, há a possibilidade, a ser investigada por outras pesquisas, de transição entre CRB3 e AO, pois, mesmo ambos sendo códigos do cliente,

podem estar de alguma forma associados. Essa investigação fortaleceria a interpretação do presente estudo, segundo a qual, se o cliente analisa funcionalmente contingências de seus comportamentos, suas auto-orientações para as tarefas de casa tornam-se mais prováveis.

O O2 também não pareceu ser influenciado pela regra 5 da FAP, nem mesmo considerando as relações entre os códigos do componente tarefas de casa da regra 5. A frequência de Os2 foi semelhante durante as condições com e sem a regra 5, no caso da díade 1, indicando que a cliente pode ter apresentado progressos na vida cotidiana independentemente da regra 5. Esse dado corrobora outros já documentados (Villas-Bôas, 2015). Assim, entende-se que, independentemente da prescrição de tarefas de casa, os clientes podem realizar atividades entre as sessões para testar ou treinar os comportamentos novos. Isso, por sua vez, teria implicações na melhora clínica.

Assim, o presente estudo sugere que as tarefas de casa não tiveram relação direta com a promoção de comportamentos de melhora na vida diária. Isso parece estar de acordo com dados de outros estudos que indicaram: i) que as mudanças na vida do cliente podem ocorrer independentemente das tarefas de casa (Nelson et al., 2007); ii) que as pesquisas que avaliam efeitos das terapias com tarefas de casa na melhora do cliente não apresentam resultados significativamente superiores a terapias sem tarefas de casa (Kazantzis & Dattilio, 2010); iii) que os componentes da regra 5 da FAP – interpretações funcionais e tarefas de casa – não parecem exercer influência direta na generalização para o contexto de vida diária, uma vez que o reforço contingente de comportamentos-alvo em sessão parece ser suficiente para alcançar as mudanças na vida cotidiana (Lizarazo et al., 2015).

CONCLUSÕES

No presente estudo, a díade 1 permitiu observar os efeitos da introdução e remoção da regra 5 da FAP. Os resultados indicaram que os Os2 e os CRBs3 pareceram ocorrer independentemente da regra 5.

A segunda díade do estudo, para a qual não houve manipulação da regra 5, apresentou relações semelhantes entre os códigos de interesse com base na correlação de *Spearman* e na análise de probabilidade transicional. Isso indica que, a depender da questão do estudo, as relações observadas nas interações terapeuta/cliente não são afetadas pela introdução de condições experimentais ao longo do tratamento.

Quanto aos aspectos semelhantes nas díades, considerando as variáveis *análises de contingências* e *tarefas de casa*, observou-se que: i) evocar análises de contingências das clientes (ERB3) pareceu tornar a resposta das clientes de analisar contingências (CRB3) mais prováveis e que ii) respostas das terapeutas contingentes ao CRB3 (TRB3) pareceram pouco influentes para ensinar CRB3. Sobre as intervenções com tarefas de casa, observou-se que tanto a evocação de respostas de auto-orientação das clientes sobre tarefas de casa (EAO) como o responder contingente às auto-orientações (TAO) foram intervenções facilitadoras de respostas de auto-orientação (AO) sobre tarefas para a vida diária.

Embora a probabilidade de transição entre CRB3 e TRB3 tenha sido baixa para ambas as díades, a correlação forte encontrada entre esses códigos para ambas sugere que o TRB3 possa ter um papel importante na modelagem de CRB3 – principalmente em se tratando de situações nas quais o terapeuta precisa consequenciar instâncias de CRB3. Do mesmo modo, embora a probabilidade de transição entre TRB3 e AO tenha sido baixa, a

correlação forte entre ambos os códigos para as duas díades sugere que a modelagem de CRB3 influencia, de algum modo, a aprendizagem da resposta de auto-orientação do cliente.

Portanto a correlação forte encontrada entre CRB3-TRB3-AO para ambas as díades merece destaque. Estudos futuros podem investigar se a modelagem de CRB3 aumenta a probabilidade de o cliente identificar também comportamentos alternativos para praticar na vida diária. Esses estudos ajudariam na compreensão do modo como a regra 5 contribui para promover a generalização na FAP.

REFERÊNCIAS

Abreu, P. R., Hübner, M. M. C., & Lucchese, F. (2012). The role of shaping the client's interpretations in functional analytic psychotherapy. *The analysis of verbal behavior*, *28*(1), 151. doi:10.1007/BF03393117

Callaghan, G. M., & Follette, W. C. (2008). Coding manual for the functional analytic psychotherapy rating scale (FAPRS). *The Behavior Analyst Today*, *9*, 57-97. doi:10.1037/h0100648

Ferro-García, R., Valero-Aguayo, L., & López Bermúdez, M. Á. (2016). Fundamentos, características y eficacia de la psicoterapia analítica funcional. *Análisis y Modificación de Conducta, 42,* 165-166.

Harwood, M. T., Sulzner, J. N., & Beutler, L. (2007). Directions for homework in psychotherapy preventions. In N. Kazantzis & L. L'Abate (Eds.), *Handbook of homework assignments in psychotherapy: Research, practice and prevention* (pp. 445-458). Brasília: Springer Science+ Business Media, LLC.

Haworth, K., Kanter, J. W., Tsai, M., Kuczynski, A. M., Rae, J. R., & Kohlenberg, R. J. (2015). Reinforcement matters: A preliminary, laboratory-based component-process analysis of functional analytic psychotherapy's model of social connection. *Journal of Contextual Behavioral Science, 4(4)*, 281-291. doi:10.1016/j.jcbs.2015.08.003

Kazantzis, N., Whittington, C., & Dattilio, F. (2010). Meta-analysis of homework effects in cognitive and behavioral therapy: A replication and extension. *Clinical Psychology: Science and Practice*, *17*(2), 144-156. doi:10.1111/j.1468-2850.2010.01204.x

Kohlenberg, R. J., & Tsai, M. (2006). *Psicoterapia analítica funcional: criando relações intensas e curativas*. Santo Andre: Esetec.

Ledley, D. R., & Huppert, J. D. (2007). Behavior therapy. In N. Kazantzis & L. L'Abate (Eds.), *Handbook of homework assignments in psychotherapy: Research, practice and prevention* (pp. 19-34). Brasília: Springer Science+ Business Media, LLC.

Lizarazo, N. E., Muñoz-Martinez, A. M., Santos, M. M., & Kanter, J. W. (2015). A within-subjects evaluation of the effects of functional analytic psychotherapy on in-session and out-of-session Client Behavior. *The Psychological Record, 65*(3), 463-474. doi:10.1007/s40732-015-0122-7

Martim, G. A. I. (2016). *A tarefa de casa na psicoterapia analítica funcional: Prováveis relações entre sua solicitação e eventos intrassessão* (Master's thesis). Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Brasília, Brasil.

Nelson, D. L., Castonguay, L. G., & Barwik, F. (2007). Directions for the integration on homework in practice. In N. Kazantzis & L. L'Abate (Eds.), *Handbook of homework assignments in psychotherapy: Research, practice and prevention* (pp. 425-444). Brasília: Springer Science+ Business Media, LLC.

Skinner, B. F. (2003). Comportamento operante. In B. F. Skinner (Ed.), *Ciência e comportamento humano* (pp. 64-97). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Original work published 1979)

Tsai, M., Callaghan, G. M., & Kohlenberg, R. J. (2013). The use of awareness, courage, therapeutic love, and behavioral interpretation in Functional Analytic Psychotherapy. *Psychotherapy*, *50*(3), 366. doi:10.1037/ a0031942

Tsai, M., Fleming, A. P., Cruz, R. A., Hitch, J. E., & Kohlenberg, R. J. (2015). Functional analytic psychotherapy: Using awareness, courage, love, and behaviorism to promote change. In N. C. Thoma & D. McKay (Eds.), *Working with emotion in cognitive-behavioral therapy: Techniques for clinical practice* (pp. 381-398). New York, NY, US: Guilford Press.

Tsai, M., Kohlenberg, R. J., Kanter, J. W., Holman, G. I., & Loudon, M. P. (2012). *Functional analytic psychotherapy: Distinctive features*. New York: Routledge.

Tsai, M., McKelvie, M., Kohlenberg, R., & Kanter, J. (2014). Functional Analytic Psychotherapy: Using awareness, courage and love in treatment. *Society for the Advancement of Psychotherapy.* Retrieved from http://societyforpsychotherapy.org/functional-analytic-psychotherapy-fap-using-awareness-courage-love-treatment/

Villas-Bôas, A. (2015). *Efeitos de análises de contingências sobre comportamentos clinicamente relevantes e sobre mudanças extra sessão* (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Villas-Bôas, A., Meyer, S. B., Kanter, J. W., & Callaghan, G. M. (2015). The use of analytic interventions in functional analytic psychotherapy. *Behavior Analysis: Research and Practice, 15*(1), 1-19. doi:10.1037/ h0101065

Recebido em 21/08/2017
Revisado em 27/09/2017
Aceito em 06/11/2017